

SEBASTIÃO ALVES

O CARACOL ESTRÁBICO (CONTOS)

CHIADO EDITORA

APRESENTAÇÃO

12 PERSONAGENS. 12 HISTÓRIAS DE DESFECHO INSÓLITO

Xana desistiu por fim de repelir as atenções de um celibatário de meia-idade que lhe apareceu na loja. Este não imagina a surpresa que o aguarda.



Rodrigo chega a casa angustiado, sabendo que as filhas ficaram sozinhas com a mãe...



Joaquim acorda e descobre que está cego. A sua reacção não é a que seria de esperar.



Emigrado em Inglaterra, naturalizado inglês e pouco orgulhoso das suas origens, António tem que deslocar-se à terra onde, certo dia por engano, a cegonha o depositou.



O velho professor tenta assegurar-se de que está vivo.



Um pai extraviado telefona à filha dias depois de esta receber a herança.



Atormentado pelo reumatismo, há dois anos que o velho caçador não pega numa espingarda. Mas no dia do seu nonagésimo aniversário...



Vendo a bandeira a meia haste, o presidente do instituto pergunta quem morreu...



Uma esforçada pintora tenta gerir a relação com a sua talentosa mãe.



O que poderá impedir um sem-abrigo de atingir a glória?



Num lar de terceira idade, a amizade entre um surdo e um mudo é perturbada pela chegada de uma enigmática mulher.



Um jovem cientista tem uma inspiração que pode revolucionar a Física Teórica. Infelizmente, como a História não se cansa de demonstrar, os verdadeiros génios não são apenas incompreendidos. São uma raça a abater.

2 CONTOS

OS CEGOS TOCAM ACORDEÃO

O despertador tilintou. Ping! Foi o bastante. Freixo virou-se de barriga para cima e deixou-se ficar um raro minuto de preguiça ouvindo a respiração regular da mulher. Felizarda! Hoje também ele gostaria de dormir mais um bocado. Estivera a pé até às duas e meia da manhã a tentar acertar as contas de um prédio de que era administrador. De vez em quando tinha que trabalhar assim noite dentro para trazer em dia as contas dos prédios. Não era brincadeira nenhuma acumular com um emprego regular a administração de uma dúzia de condomínios.

Levantou-se. Tinha combinado encontrar-se com o Antunes, o seu empreiteiro de confiança, num prédio em Belém onde tinha sido detectada uma infiltração. Tinha que ser cedo, porque o Antunes tinha outra coisa programada. Calçou os chinelos.

Estava muito escuro no corredor, mas Freixo estava habituado. Encontrou o interruptor da casa de banho e fechou os olhos. Era um hábito meio estúpido, mas aquela primeira luz apanhada de chofre era-lhe desagradável como um duche frio. Premiu o interruptor e sentiu a luz através das pálpebras.

Quando as descerrou contava ver uma casa de banho vulgar de azulejo verde, com a banheira à esquerda, a sanita à direita, o espelho em frente. Em vez disso estava mergulhado num grande borrão verde-claro, aqui e ali manchado de branco, uma mancha maior e mais escura defronte. Nem uma aresta. Nem um contorno.

Fechou os olhos de novo. Quando os abrisse, tudo estaria normal, pensou... Pensou, mas não acreditou. E, com efeito, quando os reabriu, estava tudo na mesma. As cores desaguavam umas nas outras sem fronteiras nítidas, a luz de cima, o verde, o branco, a grande mancha escura defronte, onde devia estar o espelho.

Tapou alternadamente o olho esquerdo e o direito. Nada mudou. Um olho igual ao outro. O mal que havia dois anos lhe atacara a vista esquerda, aparecia agora na direita. Agora eram ambos os olhos que estavam banhados naquela bruma luminosa, naquela espécie de diluente. Aproximou-se do espelho e viu mover-se em sincronia a mancha que sabia ser ele. Uma mancha que não tinha os olhos nem boca. E ele não ia conseguir fazê-los aparecer.

Quando, uma hora mais tarde, a mulher de Freixo se levantou viu luz na sala e estranhou. Veio dar com ele sentado no sofá:

— Que foi Quim? Que se passa?

A voz tremia-lhe. Ele estava vestido, mas não pusera a gravata. Olhava não para ela, mas apenas na direcção dela. Ela não precisou que ele lhe dissesse. Um ano antes, pouco mais ou menos, zangara-se muito com ele e agora arrependia-se do que lhe dissera.

— Quando ficares cego — dissera — hás-de ficar sozinho! Não esperes que seja eu quem vai tratar de ti!

Estava danada com ele porque ele tinha acabado de desistir dos médicos.

— Não dizem coisa com coisa — justificara-se ele.

Mandavam-no fazer exames, tacs, análises. Até uma punção na coluna lhe tinham feito. Diagnosticavam-lhe isto e aquilo. E a seguir voltavam a diagnosticar-lhe isto. Um médico tinha-lhe perguntado se ele andava a tomar viagra... viagra, por amor de Deus! Outro sugerira-lhe um psicólogo. Fora a gota de água.

A mulher de Freixo sentou-se ao lado dele.

— Que fazemos? — perguntou.

— Para já vamos ao banco.

— Achas que nas urgências eles vão adiantar alguma coisa? Não seria melhor voltar ao Dr. Candeias?

— Não é esse banco... é a Caixa. Preciso de levantar dinheiro.

— Levantar dinheiro?

— Preciso de pagar às porteiras — explicou ele melhor — é dia seis, não gosto de me atrasar.

— Hoje?! — perguntou ela.

— Sim, hoje. Pelo menos o banco tem que ser hoje, porque amanhã é sábado. O pagamento pode ficar para amanhã.

— Caramba, Quim. Tu neste estado e a preocupares-te com as porteiras... Com certeza que um atraso não será problema — disse ela — toda a gente vai compreender quando souber o estado em que tu estás.

— Ninguém tem que saber — disse ele com brusquidão.

— Como, ninguém tem que saber?

— Ninguém tem que saber que eu tenho este problema na vista...



— Deixa-me a persiana aberta — zangou-se ele.

— Mas, Quim, está tanto calor, de tarde dá o sol... E a ti de pouco adianta...

— Adianta muito! Não me deixes às escuras.

Via luz. Via sombras. Não queria perder esse privilégio. Ele, que nunca tivera medo de nada, agora era como se tivesse medo do escuro em pleno dia.

Sentado no sofá, ouviu a porta bater. A seu lado estavam pousados o telemóvel, o comando da TV e um aparelhinho de rádio. A televisão já estava acesa. Ouvia as notícias, os cabeçalhos dos jornais, o tempo, as notícias de trânsito. Mudava de canal e ouvia outra versão do mesmo, as notícias, os cabeçalhos dos jornais, o tempo, as notícias de trânsito. E mudava de canal outra vez. Ele, que antes preferira sempre o rádio, com os seus noticiários mais sucintos, mais informativos, mais úteis,

agora que tinha tempo demais, preferia a televisão. Tornava-se importante olhar para aquela mancha leitosa e ver mexer.

Tentava demorar o mais possível a cansar-se da TV. Depois, vagueava pela casa e escancarava as persianas todas. Ia à casa de banho sem necessidade. Ia à cozinha beber um gole de água, investigar o almoço que a mulher lhe destinara. Que horas seriam? Tentava adivinhar. Tinha pedido ao irmão que tirasse o vidro ao grande despertador da mulher e ia ao quarto confirmar as horas com a ponta dos dedos.

O tédio acabava sempre por vencer. Às segundas e às quartas, vinha a Ermelinda fazer limpezas, tratar da roupa, mas nem esses dias eram melhores. Mulher de poucas falas, pouca companhia lhe fazia. Concentrava-se no seu trabalho, que não era pouco. E por outro lado, quando ela vinha, Freixo sentia tolhidos os movimentos. Se ela aspirava o corredor ou o quarto, ele não podia lá ir. Se passava a ferro na cozinha, ele já lá não ia investigar o almoço que a mulher lhe destinara. E ela não lhe deixava pôr a mesa nem aquecer o almoço no microondas. Tratava-o como um inválido.

Depois de almoço ainda era pior. Então, com Ermelinda ou sem Ermelinda, com a TV ligada ou desligada, o tédio era dono e senhor. Podia tentar dormir, mas não queria. Tinha medo de ter insónias de noite. E assim a tarde esticava, esticava, não parava de esticar e ele ficava para ali a senti-la esticar, esticar até doer de uma dor insuportável. O som do telefone era um alfinete na pele esticada do tempo.

Mas ele não atendia... Não suportava telefonemas fosse de quem fosse, amigos, parentes, colegas do emprego que queriam perguntar-lhe como estava. Com a Ermelinda em casa, atendia ela e obedientemente mentia:

— O Sr. Freixo não pode atender. Não, não está pior da coluna, mas continua a não poder levantar-se.

O telemóvel porém, Freixo atendia com avidez. Não podia ler os números ou as letras no pequeno visor para saber quem chamava, mas isso pouco importava. Ele só dera o número do telemóvel a quem interessava. Era para ali que telefonavam a mulher, a filha, o irmão. E era para ali que ligavam as porteiras, o electricista, o Antunes... Era o canal que o ligava ao antigo Freixo, o homem saudável, competente, decidido.

Um trinco eléctrico avariara? Teclava correctamente o número do Gaspar e combinava com a Lurdes. O tapete da entrada estava a desfiar-se? A Conceição que tirasse a medida e fosse à loja tal, que ela bem conhecia, ver quanto custavam os tapetes de borracha. Excedia um pouquinho o fundo de maneio, mas ela não se importava de emprestar. “Obrigado, D. Conceição, depois fazemos contas...” Havia humidade que até pingava do tecto da cozinha do 3º esqº do prédio de Santos? “Deve ser a prumada rota, Sr. Arqº, essas prumadas estão a dar problemas... Vou já combinar para ir alguém aí...”



No dia de anos de Freixo, resolveram fazer-lhe a festa do costume. O irmão, a filha e o filho, este vindo de Aveiro, mais as respectivas famílias, encheram o apartamento para o jantar. Mas o ambiente era de tristeza. Só os miúdos não o sentiam, inquietos e barulhentos, excitados porque não se viam há muito tempo.

Às tantas, o neto de Aveiro, que ainda se lembrava de ter jogado à sardinha com o avô uns meses antes, andava de volta dele. Quando lhe disseram que deixasse o senhor em paz, o miúdo descaiu-se:

— É por o avô estar ceguinho?

Fez-se silêncio na sala. Era comentada na família a relutância de Freixo em admitir a sua deficiência e ficaram todos suspensos da sua reacção. A mãe da criança procurava palavras, o irmão de Freixo procurava palavras, todos procuravam um modo de aliviar a tensão daquele silêncio. Freixo antecipou-se:

— O avô não está ceguinho, estás enganado — disse suavemente — anda daí, vou mostrar-te uma coisa.

Viram-no levantar-se e seguiram-no até à cozinha, para onde chamara o neto. Tirou um prato de sopa do armário, colocou-o em cima do fogão e acendeu o exaustor.

— Ceguinhos são aqueles senhores que tocam acordeão no metropolitano, sabes?

De outro armário tirou fósforos e um maço de tabaco meio cheio. E acendeu o cigarro com a segurança de quem se queimara muitas vezes para aprender aquele gesto.

— Eu não estou cego, vês? Os cegos não fumam. Têm medo do fogo — deu duas boas passas, com evidente prazer, fez uma festa na cabeça do neto e esmagou o cigarro no prato — É melhor apagar — disse — isto faz mal. Mesmo às pessoas que vêem muito bem. Nunca te esqueças...

— O teu marido é admirável — disse a irmã de Freixo à cunhada, que também o tinha seguido até à cozinha.

Admirável? Talvez, pensou esta. Admirável podia ser, mas era exasperante aquela insistência dele em continuar a mentir, em enganar os outros e enganar-se a si próprio, a fingir-se capaz do impossível. Aquela teimosia estava a tornar-se insustentável...

Ela ajudava conforme podia. As porteiras mandavam-lhe por correio a correspondência dos prédios. Ela lia e ele decidia. No princípio, ela até passava cheques, uma vez que era co-titular da conta única que, para poupar tempo, ele usava para todos os prédios.

Mas não sabia mexer no computador nem percebia nada de contabilidade. Sem poder preencher recibos, Freixo não fazia a cobrança das quotas de condomínio e o dinheiro começava a esgotar-se. Deixou de pagar a segurança social das porteiras e a manutenção dos elevadores.

A única coisa que insistia em pagar era o ordenado das porteiras, porque sabia que era essencial para manter a intacta a ilusão. Dizia à mulher para chamar um táxi — ela não tinha carta — e iam ao banco, onde levantavam dinheiro. Depois faziam a ronda dos prédios. Ele ficava no táxi e ela ia tocar à porta das porteiras. Quando o viam no carro, vinham inteirar-se da sua saúde.

— É a coluna, D. Tecla — dizia ele ao vulto que o questionava, que lhe desejava melhoras — é muito doloroso, mas tive que vir, instruir a minha patroa.

Invariavelmente, elas queriam saber mais.

— Se calhar tenho que ser operado. Os médicos dizem que se não tiver cuidado posso ficar paralisado...

Mas agora a situação estava a sair para fora de controlo. O electricista aborreceu-se porque ele não lhe pagava e o intercomunicador do prédio do Campo Grande estava fora de combate havia quatro semanas. A empresa dos elevadores recusara-se a fazer uma reparação em Algés e o prédio estava em risco de ficar sem elevadores. Multiplicavam-se os telefonemas desagradáveis. Freixo já não atendia sequer o telemóvel. Mantinha-o desligado até a mulher regressar do trabalho. Era ela quem atendia. Até ao dia em que ela perdeu a paciência e atirou com o aparelho ao chão.

— Foi melhor assim, mulher, deixa lá.

— Quanto tempo é que isto pode durar, Quim?

— ...

— Isto vai rebentar, não vai? Porque é que não desistes, Quim? Porque é que não aceitas? Pois tu não vês que estás cego?



Um dia, vinha de mais uma consulta. Andava de novo nas mãos dos médicos. Com a diferença de que os consultórios eram agora perfumados, os assentos muito fofos e empregadas com voz de veludo informavam os doentes do tempo de espera previsível. A filha preparava-se para estacionar, mas ele disse:

— É tarde, tens o marido e o filho à espera para jantar, escusas de subir. Deixa-me só em frente à porta.

— Tem a certeza, pai? É que já não há muita luz.

— Vejo o suficiente.

Saiu do carro e avançou. Olhava para o chão à procura de manchas suspeitas. Ouviu a filha arrancar. Já não era a primeira vez que faziam assim. Passou pelo Borguinhas, o velho Fiat Panda, ali estacionado havia meses, e fez-lhe uma festa.

— Sr. Freixo.

Estacou. A voz era feminina, mas, surpreendido, não a reconheceu logo. Viu

dois vultos. Estendeu a mão para que lha apertassem e ficou à espera de mais palavras, para tentar identificar. Tinha uma memória excepcional para nomes e para vozes.

— Este senhor, não sei se o Sr. Freixo se lembra, é o Dr. Parreira. É condómino lá no prédio e é advogado.

Fez-se um clique na mente de Freixo. Estava situado:

— Então não lembro, Sr^a. Engenheira, então não lembro... — e voltou a estender a mão.

— Sr. Freixo, precisávamos de falar consigo. Talvez devamos sentar-nos um pouquinho. O Sr. não quer tomar um café?

— Não dá jeito, Sr. Doutor... A patroa está à minha espera em casa. Ela também está doente. Eu vim de uma consulta a que a minha filha teve a bondade de me levar, e já me demorei muito. A minha mulher deve estar ansiosa — disse Freixo, olhando na direcção da porta de casa.

— Sr. Freixo, é só um minuto que lhe peço. Vejo que está doente, mas desta vez tem que ser — disse o Dr. Parreira com um suspiro, impressionado pelo aspecto de Freixo, inchado de cortisona — É que não é nada fácil contactar consigo. O Sr. parece uma enguia. Mandam-se cartas e não responde. Telefona-se, toca-se à campainha, e não atende. A mulher-a-dias mente. Desta vez, já que conseguimos chegar à fala consigo, queria ao menos pô-lo ao corrente das consequências em que incorre se continua a não nos facultar as contas e a documentação do condomínio. É que se fez uma reunião extraordinária de condóminos e decidiu-se tirar-lhe a administração. O Sr. tem que nos entregar a documentação. O prédio não pode passar sem elevadores e sem luz na escada. A situação pode tornar-se muito séria para si. Veja isto...

O homem estendeu-lhe qualquer coisa branca. Um papel? Instintivamente, Freixo estendeu a mão à espera que o homem lho chegasse ao alcance do tacto. O papel caiu e Freixo ia baixar-se para o apanhar, mas não distinguia o papel na brancura da calçada.

— Não posso baixar-me. São as minhas costas — desculpou-se, sem perceber que o vento empurrara o papel de encontro à sua perna. Olhava para a brancura da calçada completamente perdido. Depois de um embaraçoso instante, foi a Eng^a quem calçou o papel que o vento ameaçava levar e o estendeu de novo a Freixo. Viu a hesitação dele e percebeu que ele tinha dificuldade em calcular a distância. Até sentir o papel tocar-lhe na mão, pareceu perdido. E depois, em vez de agradecer, como seria natural, ficou a olhar para o papel com ar aparvalhado. Olhava para o verso, onde não estava nada escrito e abanava a cabeça.

— Não consigo ler — admitiu, devolvendo o papel — não trouxe os óculos. Mas desta vez a Eng^a tinha percebido. Ela nunca o vira de óculos. Disse:

— Não, Sr. Freixo, o problema é outro: o Sr. está é cego!

A lâmina penetrou limpa, fácil, completamente inesperada.

— Não. Não diga isso...

— Quantos dedos estão aqui?

Não, não diga isso... não sou cego!, tentava ele gritar como quem tem a garganta cortada. O silêncio saía enorme, transparente, aos borbotões. Os cegos tocavam acordeão...

— Eu não imaginava, Sr. Freixo... Porque não nos disse? Todos estes meses a falar da sua saúde como se a pudesse recuperar, como se fosse uma questão de tempo, e afinal está cego!... Por muita, muita pena que tenhamos de si, Sr. Freixo, o Sr. tem que entender que as coisas não podem continuar assim...

— Claro, Sr^a Eng^a, é claro, tem toda a razão ... — disse numa voz sumida. Algo quebrara dentro dele. De repente tinha perdido toda a vontade de resistir. Os ossos da alma tornaram-se gelatina. — Vamos então a minha casa. Mas é a desordem...

E aceitou que a mão da Eng^a lhe tocasse no cotovelo, tão de leve, e o conduzisse. Como se fosse um cego.



A partir de então deixou de resistir. Eles chegavam muito respeitosos e perguntavam-lhe pela saúde. E ele conduzia-os à varanda fechada que lhe servira de escritório. Sabiam que estava cego, ele próprio os informara, e ficavam admirados com o desembaraço dele. Ele conduzia-os a uma estante onde se alinhavam os arquivadores, um, dois, às vezes quatro por cada prédio. Apontava e pedia apenas que tivessem cuidado, que não levassem nada que pertencesse a outro prédio.

Despediam-se aliviados e ao mesmo tempo subjugados pela sensação de fragilidade que lhes causava verem uma pessoa tão válida, tão cheia de energia, reduzida àquele estado de impotência. Mas antes de fechar a porta, ele fazia ainda questão de acrescentar uma coisa, algo do género:

— Leva aí tudo. Fica na posse de todos os dados. Agora pode fazer as contas, que é o que eu não pude. E esteja descansado. Se alguma coisa estiver em falta, eu pago até ao último tostão. Concordo que devia ter entregado mais cedo as coisas, mas o que se há-de fazer? Uma pessoa está sempre à espera de um milagre... Mas, como deve imaginar, nunca pensei que fosse ficar cego... — a palavra aparecia-lhe agora com naturalidade, desavergonhada, indispensável, descarada, arma de defesa.

Entregou tudo a toda a gente, a estante ficou vazia. E ficou à espera.

Vinham aí de novo os telefonemas, as recriminações, as exigências. Ele sabia bem que devia dinheiro a todos os condomínios e sabia melhor que não podia pagar até ao último tostão coisa nenhuma. Estava metido numa embrulhada de todo o tamanho. E tudo por causa daquele empréstimo, por assim dizer, que tomara a liberdade de contrair para a entrada da casa da filha, uns anos antes...

Antes disso, aquela conta bancária onde, para poupar tempo, juntava o dinheiro de todos os prédios, era sagrada... Mas não fizera por mal. No fundo fora apenas um empréstimo a juro zero. Prometera a si próprio que saldaria a dívida na primeira

oportunidade. Mas em vez disso, a mulher ficara doente. E depois ele. E vira-se obrigado a contrair novos empréstimos aos condomínios. Nada de muito importante e os condóminos não davam por nada. Ele reduzia apenas o fundo de maneiio, ratava no fundo de reserva e ajustava as contas anuais. Mas agora, com todos os problemas mais recentes, não tinha mesmo hipótese nenhuma de pagar.

Por isso, quando, ao cabo de uns meses de cartas iradas no correio, e de ameaças com a justiça, chegou uma carta do tribunal com uma notificação para ele se apresentar na Tribunal para ser ouvido, Freixo não estranhou. Veio a saber que vários condomínios tinham contratado um advogado e decidido apresentar uma queixa comum.



Hoje veio ao café como de costume. Desde que entregou as administrações e assumiu a doença, a sua qualidade de vida melhorou bastante. Passou a usar bengala e atreve-se a vir à rua. O café fica quatro portas abaixo da sua, no mesmo quarteirão. Só tem portanto que se preocupar com manchas escuras no passeio. Veio depois de almoço. Sentou-se na mesa do canto onde já estava sentado o velho Teodoro, sogro do dono do café, que faz parte da mobília. Freixo envelhecera cem anos para ter direito àquele lugar, mas aprendera ao mesmo tempo a enganar o tédio.

Puseram-lhe o café à frente.

— Como vai isso?

— Ora, desandando, como sempre.

Andava cabisbaixo. A notificação para o julgamento chegara há uns dias. Já acreditava que a Justiça se tinha esquecido dele, mas não. E agora não pensava noutra coisa. Que dirão os filhos se eu for metido na cadeia? Que pensarão os netos? E a minha mulher, com que cara sairá à rua?

O advogado tentava animá-lo. Havia várias atenuantes, dizia. Ele tinha pago às porteiras, por exemplo, mesmo depois de já não poder fazer cobranças. Isso podia ser interpretado como um pagamento voluntário. E depois, havia a doença. A doença que o impedira de cumprir as suas obrigações. O argumento seria que, sem a doença, ele acabaria por reembolsar os condomínios, sem que eles chegassem sequer a dar por nada...

“É mesmo que por absurdo perdêssemos,” rematava o advogado, “no seu estado de saúde, nenhum juiz teria a coragem de o mandar para a cadeia...” Sacana do advogado! Freixo tentou apagá-lo da sua mente. Ficou aliviado quando a voz do Teodoro o veio distrair.

— Gosto de filmes do Charlot, você não?

— Gostava. Quando os via...

— Desculpe, amigo, às vezes a gente não se lembra.

— Ora, não faz mal. Eu às vezes também não...

Foi então uma coisa extraordinária aconteceu, uma coisa que ele há muito perdera a esperança de que pudesse vir a acontecer. Estava a olhar na direcção do velho e de repente o borrão para onde ele estava a olhar tomou a forma de um rosto. Assim, sem mais... Uma cara de velho, bem velho, barba mal feita, com olhos, nariz e boca. Estou a sonhar, pensou Freixo, só mesmo num sonho é que eu seria capaz de contar as rugas da cara de um homem... O Teodoro riu e justificou-se:

— Estes filmes antigos matam-me. Já ninguém me faz rir desta maneira.

E Freixo está fascinado pelos lábios do velho. Consegue ver as palavras a tomarem forma. São como bolas de sabão a sair-lhe da boca. Parece um sonho, mas não é. Pisca o olho esquerdo. Depois o direito. Foi o esquerdo que desanuviou. O esquerdo onde tudo começou.

Pousa o olhar na mesa. Mesmo com as letras de pernas para o ar, não tem a mínima dificuldade em ler os cabeçalhos do jornal que o Teodoro ali tem aberto. É um prazer extraordinário. Podia levantar-se da cadeira e proclamar ali a sua cura. Festejar com aquela gente. Seria apenas natural. Mas algo o inibe.

Agora Freixo está a ver-se a si próprio. A cena é à porta do tribunal. Vai sem bengala, e de braço dado com ninguém. Aproxima-se olhando em redor como se olhar lhe fosse tão natural como respirar. Está à procura do advogado entre as pessoas que esperam à porta. Dá com o senhor a olhar para ele, queixo caído, branco como a cal da parede.

Por fim o advogado controla-se, vem ter com Freixo e põe-lhe o braço sobre os ombros. Ia levá-lo dali para fora, mas percebe que já demasiada gente testemunhou a presença dele. Segreda-lhe ao ouvido: “Por favor, senhor Freixo, isto não pode ser verdade...”

Freixo afasta aquela visão. Está de novo na taberna. Está hirto. Vêm-lhe à memória as palavras do advogado: “Mesmo que por absurdo perdêssemos, no seu estado de saúde, nenhum juiz teria a coragem de o mandar para a cadeia...” Quer levantar os olhos a ver se notaram alguma coisa, mas tem medo. Sente-se pestanejar e entra em pânico. Será que repararam? Será normal que um cego pisque os olhos?

Deixa o olhar fixo onde estava, nas mãos da mulher que está detrás do balcão. Leva a mão à chávena de café, falha o gesto de propósito e queima-se, mas ninguém liga. Estão concentrados na televisão. Pelo canto do olho bom, Freixo vê um Charlot deliciado a comer os atacadores como se fossem esparguete. Todos se riem, todos menos ele. Com o tempo, com o treino, talvez aprenda a rir-se para dentro.

Para já, até isso é prematuro.



2 CONTOS

DOIS PRÍNCIPES

A Guida entrou no quarto, abriu a persiana e saiu de novo como um furacão, deixando a claridade a actuar sobre o Dr. Rui. E com efeito, uns segundos depois de ela sair, ele sentou-se na cama, impulsionado ao retardador por uma mola de luz. Piscou os olhos e viu o Dinis, já vestido e barbeado, já perfumado e impaciente, a abrir o roupeiro:

— Até que enfim já posso procurar a puta da camisola — disse o Dinis, mexendo e remexendo as gavetas, até que se voltou em triunfo, com a camisola na mão.

“Já nesse preparo? Será que você não precisa de dormir?” perguntaram as mãos estremunhadas do Dr. Rui, *“A que horas é que se deitou ontem?”* O Dr. Rui era mudo desde que um tumor lhe roera as cordas vocais e teve que aprender a linguagem gestual para comunicar.

— Você é que é um dorminhoco. Mas deixe lá, é natural. Os velhos dormem muito, sabe... — respondeu Dinis. Dinis era surdo havia quinze anos, e também ele tivera que aprender a linguagem dos gestos, até porque nunca conseguira ajeitar-se a ler os lábios.

“Velho é você. E fale mais baixo. Parece que é surdo...” ironizou Rui, como tantas vezes fazia, quando estava encurralado.

Dinis não ligou. Enfiou a camisola e desceu as escadas procurando não fazer barulho. A Guida não estava à vista. Abriu com cuidado a porta que dava para o jardim e fechou-a atrás de si tentando evitar que batesse. Cá fora o vento virou-se contra ele, cortando através da camisola e afiando a lâmina na sua pele. Devia ter vestido o blusão, pensou, mas não se atemorizou. Contornou a moradia e subiu à varanda pelas escadas exteriores, esperando que ninguém do outro lado das janelas reparasse nele.

Aparentemente, só o Bóris reparou. De todas as raças que nele se misturavam havia um vestígio de perdigueiro. Subiu também ele as escadas, balançando de um lado para o outro os testículos descaídos, o que não parecia incomodá-lo por aí além. Dinis fez-lhe festas, lamentado pela décima milionésima vez que nunca ninguém tivesse levado o animal ao veterinário e sentou-se do lado sul da varanda.

Deste lado estava mais abrigado. Chegando uma cadeira para a frente, até se conseguia uma carícia de sol. Estava óptimo. Dinis fixou o olhar na nesga azul de rio que lhe subia através de um intervalo entre os prédios. Apanhava metade do Bugio e ao fundo, em dias claros, um troço considerável do Cabo Espichel. Ficou à espera que passasse um barco.

Entretanto o cão, que se tinha deitado a seus pés, espetou as orelhas e levantou cabeça. Dinis reparou no movimento e virou-se. Uma mulher de bata branca apareceu, gesticulando, abrindo e fechando a boca com que desenhava palavras silenciosas que ele não conseguia ler, mas imaginava: *“Já para dentro, Sr. Dinis! Já estão todos na sala para o pequeno-almoço. Esta mania tem que acabar... E com este frio, por amor de Deus, o Sr. constipa-se... Apanha uma pneumonia e nós que tratemos de si... E nem trouxe casaco...”*

— Este tempo é bom, Guida. Mesmo bom para a vela. Para a vela e para a saúde. Eu que o diga, que em quarenta anos a fazer vela nunca me constipei. Era o vento, era a chuva, era a água

salgada... Às vezes nem sentíamos os dedos... Mas constipações, gripes, nada!... Agora se me constipo, é porque não apanho vento... E a culpa há-de ser sua...

Dinis aceitou a mão de Guida, que o ajudou a levantar-se. O cão dava saltos à volta deles. Não queria que o amigalhaço voltasse para dentro de casa.

— Pois é meu caro Bóris — dirigiu-se o homem ao cão, como a consolá-lo de ter que ficar à porta — as mulheres é que mandam...

Resignou-se. Não lhe agradava nada ter que ir para a sala onde os velhos tentavam acertar com a colher na boca, cada um mais decrépito, mais alheado, mais perdido do que o outro. Depois do ar puro, atingiram-no cheiros indesejados, incompatíveis, a desinfetante, a mofo, até a urina. Já estavam todos sentados. Na sua mesa, estava apenas o Dr. Rui diante duma chávena vazia. Este empurrou metade do pão com manteiga na direcção de Dinis. O Dr. era niquento e ao pequeno-almoço então, não tinha apetite nenhum. O Dinis, por sua vez, comia por dois:

“Você esteve lá fora com este frio?”, disseram as mãos do Dr. Rui.

— Está um dia lindo. Limpinho. É de ter chovido ontem — respondeu o Dinis.

“Está frio...”

— *Qual frio!*

“Você já não é um rapaz de sessenta anos, convença-se disso. Um dia apanha uma pneumonia e depois queixa-se...”

— *Tretas!*

Depois de comer, Dinis levantou chávenas e pratos para ajudar a Conceição, a cozinheira, e sentou-se de novo à mesa, à espera, com o Dr. Rui. Chamavam àquela mesa “o escritório”. Preferiam-na aos sofás onde os velhos dormitavam. Entrou a Marcelina, uma cabo-verdiana jovial.

— Bom dia, chocolatinho-quente — cumprimentou o Dinis.

— Bom dia, caras-pálidas. Aqui estão as vossas preciosas notícias. O que é que se diz? — respondeu ela.

O jornal era o ponto alto do dia. Hoje era a vez de o Dr. Rui ter a prerrogativa de o inaugurar. Mas, para desconsolo do Dinis, não estava com pressa. Pousou o jornal e gesticulou:

“Gostava de saber quem virá para o lugar da morta-viva”

A morta-viva era uma ex-sobrevivente. A seu tempo resistira a um cancro e a três enfartes. A cada golpe ia ficando mais inválida, mais dependente, mais vegetal, mas de respirar não abdicava ela, isso não. Teve a morte que vir sorrateira, sem enfarte, sem cancro, sem diagnóstico... Veio uma noite durante o sono, ninguém sabe o que lhe disse, e levou-a.

— *Porra, há duas semanas que o ouço perguntar a mesma coisa — protestou o Dinis — parece que você se deita com o fantasma da morta-viva e acorda com ele. Que quer que lhe diga?*

“Precisamos de alguém para a sueca”

— Eu não punha nessa o meu dinheiro. Vamos ter é outra desgraçada a cair da tripeça. Este lar é um híbrido entre o museu do Cairo e o Júlio de Matos.

“O que é que você quer dizer?”

— É só múmias e atrasados mentais — explicou o Dinis.

“Então e nós?”

— Nós somos a excepção que confirma a regra, meu amigo. Ainda fazemos algum sentido quando falamos, ainda lemos o jornal, ainda jogamos às cartas. Temos o direito a um copo de vinho ao jantar e apreciamos as pernas da Conceição. É escusado menosprezarmo-nos. Aqui dentro, nós somos dois príncipes.

2

A jogatina era depois de almoço. Mais precisamente, depois da sesta, que para o Dr. Rui era sagrada e que havia anos o Dinis aceitava como uma inevitabilidade. Quando desceram até à sala, já o Vicente tomara o seu lugar no “escritório”. Era um rapaz dos seus cinquenta anos que fora maqueiro e se apresentava a si próprio como sendo esquizofrénico controlado. O quarto lugar da mesa estava vazio.

Tinham um mirone, o Francisco Xavier, mas esse preferia ficar de pé para não perder pitada, fascinado pelo movimento das cartas e das mãos. Teria sido uma anedota convidá-lo para juntar-se ao jogo. Assim, tentaram pela enésima vez aliciar a Marcelina, cobrando-lhe uma velha promessa, mas ela, como sempre, esquivou-se, que hoje não, que não tinha tempo, que talvez um dia... Estavam condenados à bisca.

Mesmo assim, estavam de tal forma absorvidos que não ouviram a campainha. Nem sequer repararam que o Francisco Xavier os abandonava. Ele ouviu a porta e imediatamente partiu, passos pequenos, muito magrinho. A outra coisa de que gostava era de cumprimentar pessoas.

Duas ou três cartadas depois, os meticulosos cálculos do Dr. Rui foram interrompidos por uma pisadela. À porta da sala estavam a Guida e uma senhora que eles nunca tinham visto, alta e elegante, de cabelo grisalho, e muito bem arranjada.

— Meus senhores, apresento-vos a nossa nova hóspede. Chama-se Leonor.

— Olá... Boa tarde a todos — disse a Leonor.

A voz dela era fresca como a de uma criança, mas Dinis não a podia ouvir. Olhou interrogativamente para o Dr. Rui procurando ajuda. Quando tornou os olhos para a porta, já a aparição se esvanecera.

— Quem era? — perguntou.

“*A múmia dos seus sonhos, homem. Chama-se Leonor*”, gesticulou o Rui. Ia dizer mais qualquer coisa, mas o Vicente já começava a estar inquieto:

— Então jogamos ou não? — perguntou ele.

As cartas voltaram a zurzir a mesa e só pararam por volta das seis da tarde, quando a Marcelina os obrigou a levantarem-se para pôr a mesa do jantar. De regresso, os dois amigos repararam que havia um terceiro talher onde costumava haver apenas dois, naquela mesa de príncipes onde até se bebia vinho. Olharam em redor a ver quem seria o intruso, mas encontraram os outros todos já sentados nos seus lugares habituais.

Será ela? Lembraram-se disso no momento exacto em que ela fazia a sua entrada na sala, acompanhada pela Marcelina. Será ela? Não... seria sorte demais, pensaram, sem conseguirem despegar os olhos daquela aparição, distinta e insólita naquele lugar, como uma tulipa que brotasse fresca num canteiro devastado. Mas ao mesmo tempo aperceberam-se de algo que antes lhes escapara. Bengalinha na mão direita, olhos que vagueiam sem saber fixar-se, a distinta dama deixa-se conduzir pela Marcelina de uma forma que não deixa dúvidas: Leonor é cega.

— Espero que não se importem que a Leonor fique convosco. É aqui, Leonor... — disse a Marcelina ajudando-a com a cadeira — À sua esquerda, tem o Dr. Rui. Em frente está o Dinis. Se precisar de alguma coisa, esteja à vontade. Estes são cavalheiros com letra grande.

— Muito obrigada — respondeu ela, tacteando os talheres, o prato de sopa que lhe punham à frente.

Dinis e o Dr. Rui entreolharam-se. Ouvia-se o tilintar das colheres nos pratos. Ouvia-se sorver. Estavam embasbacados pelos gestos competentes da Leonor, pela sua serenidade, pela estranheza dos seus olhos. Só quando chegaram os filetes com puré é que o Dinis se atreveu a falar:

— Precisa de ajuda a partir? Pode haver alguma espinha...

Tentou seguir o movimento dos lábios dela, mas era inútil. Desenhavam no ar misteriosas sílabas. Havia anos que em vão tentava ler os lábios das pessoas. Deu uma cotovelada ao Dr. Rui e por meio de gestos perguntou-lhe o que dissera ela:

“Agradeceu, mas não precisa”, respondeu ele.

Com efeito, Leonor manejava os talheres com um desembaraço miraculoso. Empurrava o filete com a faca até encontrar o garfo. Sentia a pressão, espetava o garfo e, se fosse preciso, usava a faca para partir. Quem não reparasse nos seus olhos, nunca adivinharia... Os dois amigos voltaram a entreolhar-se, perplexos e desarmados.

“Pergunte-lhe se está bem instalada”, sugeriu o Dr. Rui.

Dinis enrugou a testa. Apontou atabalhoadamente para si e para o seu ouvido, como quem diz: *“E depois? Eu não ouço a resposta...”*

Mas o Dr. já tinha a solução.

“Eu traduzo-lhe o que ela disser, você traduz-lhe o que eu disser. Vá, pergunte-lhe! Para que é que você quer a voz? Pergunte-lhe se está bem instalada.”

Dinis encheu-se de coragem:

— A Leonor, posso chamá-la assim, não é verdade... queria perguntar-lhe se já está bem instalada... se gosta do seu quarto...

Agora era ela quem hesitava. Talvez precisasse de toda a concentração para adivinhar onde estava o puré. Ou talvez a Marcelina a tivesse elucidado a respeito deles. Pelo sim, pelo não, Dinis explicou:

— A Marcelina já lhe deve ter explicado que eu sou surdo e aqui o doutor é mudo. Mas a Leonor não se atrapalhe com isso. Ele traduz-me o que a Leonor disser.

Ela sorriu. Pousou o talher. Vai responder:

— É Dinis, não é? Pois, o quarto é bom. Já arrumei quase tudo. Mas ainda preciso de conhecer melhor os cantos à casa. Ainda tenho que me ajustar a muita novidade.

Dinis olhou para o Dr. Rui à espera da tradução. Este estava com cara de poucos amigos.

“Ouça, eu traduzo, tudo bem...” gesticulou, *“mas quando a pergunta for minha, você não se esqueça de dizer que a pergunta é minha. O que ela disse foi que ainda precisa de se adaptar. Mas que o quarto é bom. Agora diga-lhe que sou eu que pergunto se ela joga xadrez...”*

Leonor não pegava nos talheres. Estava à espera perscrutando a escuridão à sua frente.

— A Leonor desculpe a demora, mas esta maneira de comunicar ainda precisa de ser oleada... O Dr. Rui pergunta se a Leonor joga...

Parou. De repente a pergunta pareceu-lhe estúpida, desprovida de tacto. Um cego a jogar xadrez? Não sabe onde estão as peças, vai deitar tudo ao chão... Valeu-lhe o raciocínio, que era rápido. E corrigiu de uma forma que lhe pareceu exemplar:

— O Dr. Rui pergunta se a Leonor joga dominó.

3

Umás semanas depois tornaram-se pouco menos que inseparáveis. De manhã, depois do pequeno-almoço, no “escritório” ou na varanda, conforme o tempo, o Dinis lia o jornal em voz alta. Perguntava se tal ou tal notícia interessava, e lia. A leitura era por vezes interrompida por comentários e discussões. A lógica pessimista do Dr. colidia com a imaginação descontraída do Dinis, de forma que o bom senso da Leonor tinha muitas vezes que servir de pára-choques.

Depois ela ia para o quarto. Ouvir música ou um romance gravado em inglês que um irmão lhe mandava pelo correio. Fora professora de inglês no liceu e cantara no coro Gulbenkian antes daquilo a que ela se referia como “o acidente”. Percebia-se que era algo de que não gostava de falar.

Depois de almoço e da sesta sagrada, continuava a ser tempo de jogo. Mas o jogo agora tinha mudado. Abandonaram a miragem da sueca e jogavam dominó. Quem não mudou foi o Francisco Xavier. Assistia de pé, fascinado como sempre. Idolatrava a Leonor. Apontava para as peças e murmurava qualquer coisa ininteligível. Ela ouvia e respondia. Era a única pessoa no Lar Cristo-Redentor que dava trela ao Francisco Xavier.

O efeito da Leonor sobre os homens era aliás motivo de diversão para o pessoal. Não tanto para a Guida, mais sisuda, mas para as outras, que se distraíam por vezes a espreitar aquela comunicação a três entre o mudo e o surdo e a cega. Comentavam entre si e riam-se dos pequenos tiques, dos pequenos atritos que inevitavelmente iam surgindo naquilo a que chamavam a trindade, e a que a Dr^a Virgínia, a dona do Lar, com a sua perspicácia, preferia chamar o triângulo.

Naquele dia estavam os três na varanda. O tempo estava excepcionalmente ameno. Dinis tinha acabado de ler em voz alta uma notícia sobre o aquecimento global e decidiu pôr em dúvida o fenómeno. O Dr. Rui ficou indignado:

“Você não vê que os supostos cépticos são pagos pelas petrolíferas e pelos construtores de automóveis?” disseram os gestos dele, “quer melhor prova para o efeito de estufa que este calor em meados de Março, a esta hora da manhã?”

— Ora, grandessíssima treta! Em Novembro, Verão de S. Martinho, em Março, Verão de outro santo qualquer... Homem, há calor no inverno desde o tempo da mãe Eva. — Dinis dirigiu-se então à Leonor — Aqui o Dr. acredita que este calor é prova do efeito de estufa. O que pensa a Leonor?

— Eu francamente não sei... Com tanta gente sábia a dizer que aquecimento global está a acontecer, acho que devia confiar, mas ao mesmo tempo reconheço que o Dinis tem um bom argumento. O tempo é tão variável... — reflectiu um instante e concluiu — Olhem, se querem que lhes diga, parece-me que daqui a trinta anos ainda podíamos estar a ter esta mesma discussão...

O Dr. Rui ficou desapontado, mas não se atrapalhou:

“A Leonor não duvida do efeito de estufa, meu caro. As provas são irrefutáveis e toda a gente o sabe. Não é como você que se considera mais sábio que a comunidade científica...”

— OK... OK! Dois contra um, estou pronto a conceder — e estava prestes a fazê-lo quando uma ideia má lhe passou pela cabeça. Há um tempo que andava desconfiado do rigor das traduções do Rui. Resolveu testar — aqui o Dr. Rui diz-me que a Leonor não tem a mínima dúvida a respeito do efeito de estufa: é verdade?

Pelo canto do olho observava a reacção incomodada do Dr. Rui. Agora ia desmascará-lo. Mas Leonor levantou-se:

— Os cavalheiros desculpam-me, mas acho que vou indo para o meu quarto — usava sempre essa escapatória quando pressentia que a tensão se adensava — Preciso de fazer umas coisas antes da hora de almoço. Até já, meus senhores.

Noutra ocasião, tinham acabado de se sentar para o pequeno-almoço, perguntou o Dinis:

— Então, a Leonor dormiu bem?

— Quase. Vocês, homens, fizeram tal barulheira lá em cima que me acordaram e depois tive dificuldade em reconciliar o sono. Afinal, que comoção foi aquela, ontem à noite?

Dr. Rui traduziu para o Dinis, que se apressou a responder:

— Quando se põe um Alzheimer a partilhar o quarto com um doido varrido, nunca se sabe o que pode acontecer, não é verdade? A Leonor sabe quem é o Gabriel?

Leonor abanou a cabeça.

— O Gabriel é um tipo louco que entrou há mais ou menos duas semanas. É louco mesmo, e não há drogas que o controlem como ao Vicente. Este é mesmo doido varrido. Vive no seu mundo e devia estar era num hospital de malucos a sério.

O Rui tentou interromper para acrescentar qualquer coisa. Dinis não lhe ligou:

— Deixe-me acabar... O Gabriel é de tal forma, que ultimamente até têm que o amarrar à cama todos as noites. Ora acontece que o parceiro de quarto, o Zef, sofre de Alzheimer avançado e não se lembra do minuto anterior. Ontem levantou-se de noite para ir beber água, viu o outro amarrado e teve um acesso de solidariedade. A Tânia ouviu barulho e foi dar com o Zef de faca na mão. Ficou histérica. Ouvimo-la gritar e lá tivemos nós, os dois heróis do quarto em frente, de ir salvar a situação. Estava o Zef com a faca, o Gabriel a tentar libertar-se com uma mão e a Tânia cá fora a gritar.

— Que horror! — Leonor estava visivelmente incomodada.

“Que horror!” diziam as mãos do Dr. Rui *“Diga-lhe que...”*

— Ora, não se passou nada de grave. Numa casa como esta, está-se sempre sujeito a um ou outro sobressalto. Nem sei como é que deixam a Tânia aqui sozinha toda a noite. A mulher apanha cada susto... Mas não se preocupe. Bastou explicar ao Zef o que se passava e ele deu-nos logo a faca. É um tipo pacífico.

— Que horror! Não sei se vou dormir descansada esta noite...

O Rui não se deu ao trabalho de traduzir:

“Diz-lhe que nós estamos aqui para a proteger. E que as facas agora estão trancadas e que andam a ver se se livram do Gabriel. Isto não tem condições para ter uma pessoa daquelas... Explíca-lhe para ela não ficar assustada.”

— Aqui o Dr. Rui quer tranquilizá-la. Diz que está cá para a proteger. Não se deixe enganar, o Dr. Rui, por debaixo de um ar enfezado que a Leonor certamente já intuiu, é um super-homem.

Era por estas e por outras que o Dr. Rui se sentia inferiorizado. Sentia-se uma mera engrenagem na comunicação entre o Dinis e a Leonor. Estava farto de ouvir versões deturpadas, truncadas, ridicularizadas, do que ele dissera. E depois, havia outra coisa que o aborrecia ainda mais. Para a Leonor, ele era totalmente transparente. Para além de não o poder ver, ela não lhe conhecia a voz sequer. Ao Dinis, conhecia-lhe a voz ao menos. Voz de bêbedo, mas, enfim, conhecia-lha.

O Dinis, por sua vez, também não andava contente. Ele bem via as gentilezas do Dr. Rui

e considerava-as pouco menos que indecentes. Era este que estava sempre à coca à espera de ver a Leonor assomar à porta. Então acorria, lesto como um macaco. E ela sabia sempre que era ele. E tratava-o por Rui, como se o conhecesse desde ontem. E o Sr. Dr. não se importava com tamanha familiaridade... E finalmente, o Dinis tinha a certeza de que o Dr. não lhe transmitia tudo o que ela dizia. Só traduzia o que lhe convinha...

A rotura deu-se nesse mesmo dia ao almoço, depois de o Rui ter ajudado Leonor com a cadeira e se ter sentado. Dinis não se conteve:

— Não sei se a Leonor sabe, mas aqui o Sr. Dr. está apaixonado por si.

Rui agitou-se: *“Como é que você se atreve?”*

— Ai! — queixou-se o Dinis — esta mesa do está a tornar-se tão perigosa como um campo de futebol... Parece que estou a precisar de umas caneleiras.

Dr. Rui levantou-se e saiu abruptamente.

— Que foi? Que é que se passou? Onde foi o Rui?

Dinis viu palavras dela saírem silenciosas como bolhas de sabão. Não tinha a certeza do que ela dissera, mas isso não o impediu de responder.

— O Sr. Dr. foi à casa de banho.

4

Nessa noite o Dinis ainda tentou emendar a mão. Na TV do quarto, que era paga a medias, estava a dar bola, o que lhe daria direitos de escolha. Mas ele estava disposto a abdicar do seu futebol:

— Dr. Rui, não há nenhum programa que queira ver?

O Dr. Rui não respondeu. Era como se não tivesse ouvido. Já estava de venda posta sobre os olhos, estava virado para a parede e puxava até às orelhas uma tonelada de cobertores.

— É pá, também não é preciso ficar assim... — desabafou o Dinis, ao mesmo tempo que pensava: aquilo há-de passar-lhe.

Mas não passou. Nem nesse dia nem no seguinte nem durante a semana toda. Dinis acabou por pedir à Marcelina que comprasse também o Record, para ter um jornal que ler durante a manhã. Partilhar assim o quarto de relações cortadas com o parceiro era um bocado incómodo. Já partilhara o quarto com um velho senil e até com um moribundo, e nunca tinha sido tão mau como agora. A hostilidade respira-se e corrói, mas o pior nem era isso, sequer... O pior era a sensação de que se estavam a comportar como crianças perante a Leonor.

Agora só a viam à hora das refeições. Aparecia como dantes à porta do salão, mas não entrava logo. Era o lugar da casa onde ainda tinha receio de entrar. Podia sempre surgir um obstáculo inesperado, uma muleta que cai, um almofadão que desliza, uma perna que se estende. E sobretudo a cadeira de rodas do Lucas. O Lucas era um gigante sem pernas, imbecil e com cara de menino. Um dia, mais afoita, tocara sem querer com a bengalinha nos pés do Lucas e ele agarrara-lhe o braço com força. A partir de então, esperava por alguém que a conduzisse por aquele território selvagem.

Por isso, quando eram horas de ela chegar, o Dinis e o Dr. estavam atentos, embora presentemente procurassem não se atropelar um ao outro. Sem nada terem combinado, até porque tal seria impossível, se um ia buscar a Leonor à entrada da sala, o outro ajudava-a com a cadeira. Ela agradecia, com aquela voz juvenil que era um raio de sol no nevoeiro. Depois era o silêncio, mal disfarçado pelo ruído do metal nos pratos e da televisão eternamente acesa. Viam-na manejar os talheres, digna e tranquila, como se tudo estivesse normal. E nunca tentava quebrar o gelo. Era como se, na sua sábia escuridão, ela pressentisse que não estava ao seu alcance alterar fosse o que fosse.

Aos sábados ausentava-se. Normalmente a filha vinha buscá-la antes de almoço e só a trazia depois de jantar. Outras vezes leva-a para o fim de semana. E a tensão no Lar Cristo Redentor parecia que aliviava.

Nesse sábado tinham estado na varanda toda a manhã, cada um em sua mesa, e não tinham notado nada de invulgar. Tinha almoçado sozinho mas ao sábado isso era normal. Só quando regressaram ao quarto para descansar, é que o Dinis estranhou os dois envelopes em cima da cómoda, mas o Rui apagou a luz antes que ele tivesse tempo de ver o que eram. E o Dinis teve que esperar pelo fim da sesta para abrir o sobrescrito que tinha o seu nome. Ao jantar perguntou:

— Você sabe que a Leonor não vai voltar?

“*Ela escreveu-me um bilhete*”, respondeu o Rui. Não havia nos seus gestos sinal de rancor ou de tristeza.

— Vai viver com a filha — explicou o Dinis — parece que a filha dela se divorciou. Ela também lhe escreveu isso?

Rui confirmou com a cabeça.

— Diz que um dia volta para nos cumprimentar. É simpático da parte dela.

Rui encolheu os ombros: “*Aí tenho as minhas dúvidas. Nestas ocasiões as pessoas fazem promessas que depois não cumprem. E é apenas natural. Enfim, a vida lá fora é muito complicada.*”

Na manhã seguinte, Dinis estava sentado na varanda, à sua mesa preferida, virado para sul, espreitando o rio. Bóris deitou-se aos seus pés. Ia ficar outra vez um dia quente para a época e não se avistava o Cabo Espichel. Mas era domingo, era capaz de haver regata. Dinis ia estar à coca todo o dia, a tentar avistar uma vela pela nesga de rio que lhe chegava por entre os prédios. Sentiu o Bóris espetar as orelhas e levantar a cabeça. Como nos velhos tempos.

O Dr. Rui apareceu à esquina da varanda que contornava a moradia. Trazia na mão o DN e o Record. Bóris não se deu ao trabalho de se levantar, que o Dr. não era muito de festas. Rui sentou-se e pousou os jornais e o seu olhar cruzou-se com o do Dinis. Este percebeu que ele queria dizer qualquer coisa:

“*Pergunto-me quem virá para o quarto vazio*”, perguntaram as mãos do Dr. Rui.

Dinis encolheu os ombros e disse, com um engelhar de nariz que, para quem o conhecesse bem, era prenúncio de uma piada:

— Ora, com sorte, uma adolescente com menos de setenta anos... uma ninfomaníaca que joga xadrez... — ficou pensativo por um momento e depois disse — Mas desta feita vamos dividir as coisas como deve ser. Você é o que joga xadrez...

Rui esboçou um sorriso. Abriu o DN. Dinis abriu o Record. Ao menos agora não tinham que esperar um pelo outro para lerem o jornal.